

**“HISTÓRIAS CRUZADAS”:
O ENCONTRO DE ANÍSIO TEIXEIRA
E MONTEIRO LOBATO (1927- 1948)***

Márcia Cristina Soares Cabrera de Souza**
Carlos Henrique de Carvalho***



HTTP://DX.DOI.ORG/10.18224/EDUC.V23I1.6973

Resumo: *este artigo objetiva retratar a sociabilidade estabelecida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, que se traduziu em sólida amizade e cumplicidade intelectual e perdurou de 1927 a 1948. Busca-se igualmente demonstrar a importância de Lobato na formação intelectual e na rede de sociabilidades de Anísio, o que contribuiu para a sua longa permanência no cenário do ensino público nacional. As fontes utilizadas são basicamente as biografias de Anísio e Lobato, parte da literatura epistolar de ambos, obras referentes ao estudo sobre intelectuais e sociabilidades e, por fim, autores da historiografia nacional que estudam o período em tela.*

Palavras-chave: *Anísio Teixeira. Monteiro Lobato. Intelectuais. Redes de Sociabilidade.*

Neste artigo nos propomos a apresentar e refletir sobre a rede de sociabilidade estabelecida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lo-

* Recebido em: 04.12. 2018. Aprovado em: 01.03.2020.

**Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (2018). *E-mail:* marciacscabrerasonza@gmail.com.

*** Doutor em educação pela Universidade de São Paulo (2003) e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* chc@ufu.br.

bato, que se configurou em sólida amizade e cumplicidade intelectual entre ambos e se estendeu no período de 1927 a 1948. Foram, antes de tudo, dois brasileiros, duas personalidades cujas obras, respeitadas as suas formações intelectuais, buscaram repensar o Brasil, pois acreditavam na construção de uma sociedade democrática, edificada pela via do desenvolvimento político e econômico, pela educação e cultura. Não é fácil falar de Anísio sem fazer a necessária referência a Lobato, da mesma forma que não é fácil falar de Lobato, sem marcar a sociabilidade com Anísio. Na abordagem do tema e considerando-se os limites de um artigo utilizaremos as seguintes fontes: as biografias de Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, parte da literatura epistolar de ambos (VIANNA; FRAIZ, 1986), autores da historiografia nacional que estudam o período proposto e, por fim, estudiosos que se debruçaram ao estudo sobre intelectuais e sociabilidades.

As vidas de Anísio Teixeira e Monteiro Lobato se cruzam e suas histórias se entrelaçam. Em razão disso, as breves biografias de ambos, dispostas no corpo do artigo, se constituem em tessituras identitárias dos dois intelectuais que fundaram profícua e sincera amizade, em prol de pensar ações para a sociedade brasileira, desde os campos educacional e cultural até a campanha “o petróleo é nosso”.

Este estudo privilegia quinze cartas entre Anísio e Lobato, disponíveis no CPDOC-FGV e/ou na obra “Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato”, de Aurélio Vianna e Priscila Fraiz (1986), dentro de vasta literatura epistolar em mais de duas décadas de correspondências. Busca-se compreender, a partir dessas missivas, as reflexões de Anísio e Lobato sobre a educação e o Brasil. As cartas revelam sentimentos e os universos particulares que envolviam o emissor e o destinatário, os contextos sócio-político e econômico nos quais se encontravam inseridos, as preocupações que os dominavam e os projetos que idealizavam. Assim, concebemos Anísio e Lobato como intelectuais da educação e da literatura. Por isso, apresentaremos, brevemente, algumas considerações relativas aos conceitos de intelectuais, uma vez que há vasta bibliografia sobre a temática.

Inicialmente, destacamos os estudos de Bobbio *et al.* (1998), que aponta dois sentidos para o plural “intelectuais”: “[...] categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e pela competência técnica ou administrativa, superior à média e que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas”, ou como escritores engajados, artistas, estudiosos, cientistas de modo geral que “[...] tenham

adquirido, com o exercício da cultura, uma autoridade e influência nos debates públicos” (BOBBIO *et al.*, 1998, p. 637-40).

Outro autor importante é Sirinelli (2003) que também nos apresenta duplo conceito para o termo intelectual: o primeiro, mais geral, abriga os criadores e mediadores culturais e o outro, mais restrito, apresenta a noção de engajamento, de envolvimento do intelectual com a causa e os ideais que defende. Para Sirinelli (2003, p. 248). “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. Este autor nos auxilia também na questão da rede de sociabilidade, ao indicar que o termo “sociabilidade intelectual” aceita dupla conceituação, pois se estabelece como “redes que estruturam” o meio intelectual e se equilibram nas forças de aproximação ou distanciamento ou, como “microclimas”, ou seja, conjunto de valores afetivos e ideológicos que quando sedimentados no interior de um grupo de intelectuais define o comportamento específico que o caracteriza enquanto grupo (SIRINELLI, 2003, p. 252).

Dessa forma, parece-nos correto registrar que a sociabilidade estabelecida entre o intelectual da educação e o criador do *Sítio do Pica-pau-amarelo* se configurou em uma rede composta por laços de aproximação afetiva, intelectual e política, bem como revelou o prestígio social e acadêmico conquistado por eles e possibilitou que ampliassem suas redes pessoais, pois os amigos e conhecidos de um passavam a fazer parte da rede do outro, de maneira direta ou indireta.

Nossa afirmação é ilustrada pela amizade e parceria profissional entre Anísio e Fernando de Azevedo, que durou mais de quarenta anos. Por meio de carta, que merece ser aqui registrada, Monteiro Lobato apresentou o amigo a Fernando de Azevedo, em 1929, nos seguintes termos:

Fernando. [...] Solta o pessoal da sala e atende o apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o maior coração que já encontrei nestes últimos anos de minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu a América e ahi te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo no mundo” (AZEVEDO, 1960).

Essa carta é emblemática no sentido de reforçar o encantamento de Lobato com a América e com Anísio. Eis como se deu a apresentação:

Ouve-o, adora-o como todos os que o conhecemos, o adoramos e torna-te amigo delle como me tornei, como nos tornamos eu e você. Bem sabes que há uma certa irmandade no mundo e que é desses irmãos, quando se encontram, reconhecerem-se. A finalização desta missiva traz uma expressão cunhada por Lobato e que se tornou conhecida: “Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: ‘o Anísio lapidado pela América’” (AZEVEDO, 1960).

Feitas estas considerações acerca dos conceitos de intelectuais e de sociabilidades, podemos afirmar que Anísio e Lobato se encaixam nas percepções de intelectuais alinháveis às perspectivas de Bobbio (1997) e Sirinelli (2003), visto que Anísio se dedicou aos estudos educacionais em nome de um debate nacional, e Lobato, se dedicou à literatura e ao Brasil, no que se referia à proposta de elevá-lo ao patamar de nação desenvolvida e progressista. Ambos são intelectuais de matrizes distintas e escritores engajados que buscaram participar dos debates políticos e educacionais e influenciar a vida social, educacional e político-econômica do Brasil. Tiveram, em nosso entendimento, sintonia pessoal e cumplicidade intelectual, que os levaram a estabelecer relações intelectuais próximas e a criar projetos nacionais para a educação e o desenvolvimento do país. Entendemos ser oportuno apresentar algumas informações biográficas dos dois.

MONTEIRO LOBATO: O EDITOR LITERATO

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, SP, em 18 de abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Segundo Vianna; Fraiz (1986, p. 23) “mais tarde mudou seu nome de José Renato para José Bento, ao que tudo indica em função de uma bengala do pai, que passaria a usar, gravada com as iniciais J. B. M. L.”. Fez os primeiros estudos em Taubaté, quando, ainda garoto, publicou no jornal estudantil *O Guarani*, sob o pseudônimo de Josbém, a sua primeira produção intitulada *Rabiscando*. Aos 16 anos já tinha perdido os pais e foi criado pelo avô que, contrariando sua tendência para as Belas Artes o levou, por imposição, a estudar na Faculdade de Direito de São Paulo. O seu talento e predileção pelas Letras, porém, não ficaram adormecidos. Ainda por meio de pseudônimos continuou a escrever para jornais. Bacharelou-se em Direito em 1904. Em março de 1907 foi nomeado promotor público na cidade paulista de Areias e se

refugiava na literatura, traduzindo obras e escrevendo contos e artigos para os jornais paulistas e cariocas.

Com a morte do avô, em 1911, passou a se dedicar às atividades agrícolas. Vendeu a fazenda em 1917 e mudou-se para São Paulo e lá adquiriu a Revista do Brasil, onde publicou Urupês, a sua primeira obra reconhecida nacionalmente. A partir de Urupês tornou-se editor e, em 1918, associou-se ao amigo Octalles Marcondes Ferreira para fundar a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Com a Revolução de 1924 e a crise econômica de 1925, Lobato, então falido, vendeu a Editora e transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fundou a Companhia Editora Nacional, quando passou a colaborar nos jornais *A Manhã* e *O Jornal*. Em 1927 foi nomeado adido comercial do Brasil em Nova York, onde permaneceu até 1931, quando retornou ao Brasil, fascinado com o progresso dos Estados Unidos. Vianna; Fraiz (1986, p. 25) relatam que as experiências de Lobato em solo estrangeiro “convenceram-no de que, para progredir, um país necessitaria essencialmente de ferro e de petróleo. Segundo ele, o Brasil dispunha dessas duas matérias-primas, faltando apenas serem exploradas”.

Com o retorno ao Brasil, em 1931, continuariam os estudos e a escrita de obras sobre a questão do ferro e do petróleo brasileiros. No livro *Ferro: a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith*, publicado em 1931, Lobato insistia e alertava o governo brasileiro sobre a necessidade de considerar a siderurgia uma questão de interesse nacional. A partir da instituição do Estado Novo (1937-1945) e proibido de escrever artigos na imprensa, em virtude dos frequentes ataques ao governo de Getúlio Vargas, Lobato começa a escrever para crianças. Em 1941, acusado de difamar membros do governo varguista com denúncias referentes à questão do petróleo e do ferro, ficou preso por três meses em São Paulo. Devido a problemas de saúde foi libertado, desistiu dos enfrentamentos com o governo e da luta pelo petróleo e passou a dedicar-se exclusivamente à literatura. Acadêmico da Academia Paulista de Letras, declinou-se de concorrer, em 1944, a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Lobato morreu em 1948, deixando vasta obra literária para crianças e adultos, além de estudos sobre o ferro e o petróleo brasileiros. A morte calou a voz de um dos grandes literatos e defensores do Brasil no século XX.

ANÍSIO TEIXEIRA: O INTELLECTUAL DO ENSINO PÚBLICO

Anísio Spínola Teixeira, baiano de Caetité, nasceu em 12 de julho de 1900, filho de Deocleciano Pires Teixeira e Ana Spínola Teixeira.

Nascido em família tradicional e de posses, sob os preceitos da religião católica, desde cedo Anísio revelava vocação religiosa. Realizou seus estudos primário e secundário nos melhores e tradicionais colégios católico-jesuítas da Bahia: Instituto São Luis Gonzaga em Caetité e Colégio Antônio Vieira em Salvador. Herdeiro de tradição aristocrática, política e oligárquica do sertão baiano e após desistir de seguir a carreira de padre católico, Anísio cultivou o sonho de ingressar na Companhia de Jesus, frustrando o desejo paterno de iniciá-lo na política sertaneja e na carreira jurídica. Porém, nem uma coisa e nem outra.

Em 1923, recém-formado em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, Anísio retornou para Caetité e iniciou, em 1924, sua carreira na direção da instrução pública da Bahia. A partir daí iniciou profícua atuação no campo educacional, notadamente em defesa do ensino público obrigatório, democrático, universal, laico e de qualidade, sob a responsabilidade do Estado, com participação da sociedade e da família. Teve longa participação no cenário educacional, ingressando na educação pública estadual, quando ocupou o cargo de diretor de instrução pública da Bahia (1924 a 1928), na gestão de Francisco Marques de Góes Calmon, correligionário e aliado político de seu pai. Durante sua gestão na educação baiana, Anísio fez sua primeira viagem aos Estados Unidos em 1927, visando conhecer o sistema educacional americano e onde teve dois grandes encontros: com a filosofia pragmática do filósofo John Dewey e com Monteiro Lobato, ambos importantes na constituição do intelectual Anísio Teixeira e que o marcariam para sempre. Após o término do governo de Góes Calmon na Bahia em 1928, Anísio se tornou professor de Filosofia e História da Educação na Escola Normal de Salvador, no período de 1929 a 1930. A seguir, foi diretor de instrução pública do Distrito Federal na gestão de Pedro Ernesto (1931 a 1935), quando participou do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 e criou a Universidade do Distrito Federal, em 1935.

Durante o Estado Novo Anísio afastou-se da educação pública e permaneceu no sertão baiano, dedicando-se às atividades de tradução, mineração e comércio. Retornou à cena pública como conselheiro de educação da Unesco em 1946-7, e em 1947 assumiu a Secretária de Educação e Saúde do estado da Bahia (1947 a 1950), na gestão de Otávio Mangabeira. Em 1951, assumiu a coordenação geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); logo em 1952, foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). Nos

anos 50 participou ativamente dos debates em torno da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61), aprovada finalmente em 1961. Também em 1961 criou a Universidade do Distrito Federal e, em 1962, foi nomeado, pelo presidente João Goulart, membro do Conselho Federal de Educação (CFE), gestão 1962-68.

Ao defender o ensino público e laico, participou ativamente da Campanha em favor da escola pública e entrou em rota de colisão com a Igreja Católica, com intelectuais católicos conservadores e grupos privatistas, que advogavam em favor do ensino particular e da subvenção estatal nas escolas privadas. Acusado de comunista, subversivo e de ser contrário aos princípios cristãos viveu dois momentos de afastamento, ou seja, situações de autoexílio, por injunções e perseguições políticas: o primeiro em 1935, quando se exonerou do cargo do Distrito Federal e se refugiou no sertão baiano e, o segundo, nos anos de 1960, com o Golpe Civil-Militar de 1964 e a instauração da ditadura militar, partiu para os Estados Unidos, onde permaneceu até 1968.

Retornando ao Brasil, Anísio continuou com suas atividades intelectuais na Editora Gráfica Nacional, onde permaneceu até sua morte em 11 de março de 1971, quando foi encontrado morto em um fosso de elevador. A morte silenciou a voz do intelectual que se fez educador e grande defensor do ensino público brasileiro no século XX.

HISTÓRIAS CRUZADAS: O ENCONTRO DE ANÍSIO E LOBATO

O encontro ocorreu em 1927, na cidade de Nova Iorque: Lobato era um literato já reconhecido no Brasil e, Anísio, um jovem intelectual que adentrava no campo da educação, em defesa do ensino público nacional. Ambos se encantaram com os Estados Unidos e acreditavam ser possível trazer para o Brasil as ideias e diretrizes do progresso americano, com a devida contextualização territorial e cultural.

Sobre o encontro de Anísio com Lobato, Viana Filho (2008, p. 37) relata que “ainda não se conheciam e este [Lobato] se apaixonou pela personalidade de Anísio. Pela cultura, pela simplicidade, pela inquieta vivacidade, pelas maneiras afáveis e modestas, tudo nele cativava”. A admiração de um pelo outro era incondicional e pública. Viana Filho (2008, p. 37) destaca ainda que “Anísio não foi menos sensível à nova amizade”, devotando a Lobato “profunda admiração e gratidão”.

Nesse primeiro encontro estabeleceu-se a amizade e os vínculos afetivos fortaleceram-se pela afinidade de ideias nacionalistas em uma

rede de sociabilidade intelectual e pessoal, que resultou em vasta literatura epistolar. As inúmeras cartas revelam faces de uma amizade alicerçada a partir da atuação pública de ambos, que foi se entremeando aos afetos da vida privada e íntima.

É consenso na historiografia nacional, com destaque para Ianni (1978); Weffort (1978); Fausto (1994); Nagle (2009) e Mello (2009), que o Brasil, nas décadas iniciais do século XX, atravessava um período de transformações políticas, sociais, econômicas e educacionais, encetadas pelos processos de industrialização, urbanização e modernização, que se configuraram em elemento dinamizador da sociedade do país. Era preciso construir a república, se não a sonhada pelos republicanos, pelo menos a república possível no contexto de mudanças e processos sociais e econômicos: sejam os nacionais, como a Semana de Arte Moderna em 1922, a crise do café, o coronelismo e a política oligárquica dos governadores, a Revolução de 1930, os debates da escola pública *versus* privada e etc., mas também as transformações mundiais – como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929 e etc.

No plano educacional, os intelectuais, com destaque para os pioneiros do Manifesto de 32 buscavam implementar uma nova concepção de educação (Escola Nova) por meio da criação de um sistema educacional, que proporcionaria a reconstrução nacional do país, colocando-o na rota dos países desenvolvidos. As altas taxas de analfabetismo era um dos grandes problemas sociais. Havia a expectativa de que, vencido o analfabetismo, o desenvolvimento e progresso aconteceriam na sequência. Caberia então à escola formar os cidadãos para construir esse progresso, mas para isso era preciso reformar a instrução pública.

A escrita epistolar era prática frequente nos decênios de 20 a 40, se traduzia como sociabilidade de integração e aproximação e apresentava a dimensão privada, onde os interlocutores, na intimidade do encontro proporcionado pelas cartas, falavam de si e faziam reflexões pessoais acerca dos mais variados assuntos.

Segundo Bastos; Cunha; Mignot (2002, p. 5) “distância e ausência são, ainda hoje, motores para a efetivação do ato de escrever cartas, de se corresponder. Cartas movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos”. As cartas de Anísio e Lobato apresentam a evolução e a trajetória intelectual de ambos, e demonstram, não apenas o amadurecimento filosófico do primeiro, mas a obstinação do segundo nos debates referentes ao desenvolvimento do Brasil, nos anos de 1920 a 1940.

Vianna; Fraiz (1986, p. 7) indicam que há trinta e nove cartas trocadas entre Lobato e Anísio, em três fases distintas. A primeira e mais intensa fase refere-se ao encontro nos Estados Unidos e, após a volta de ambos para o Brasil, à análise e discussão da experiência fecunda de suas passagens pela América do Norte. A segunda fase, com menor número de correspondências, refere-se à gestão de Anísio na Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935) ao seu primeiro autoexílio nos sertão baiano. Nessa época, Lobato se dedicava à produção de livros e perseguia o sonho de desenvolvimento do país por meio da descoberta e exploração do petróleo brasileiro. Por fim, a última fase corresponde ao período de 1946 a 1948, com destaque para o convite recebido por Anísio para integrar o conselho de educação da Unesco e seu retorno para a segunda gestão da educação baiana. Nesse período, Lobato, por sua vez, havia sido perseguido pelo governo de Vargas, ficando preso por três meses, vivido um ano na Argentina (1946-7) e desistido do sonho do petróleo brasileiro. Essa terceira fase se estendeu até 1948, quando Lobato faleceu, aos 66 anos de idade, na cidade de São Paulo.

Os assuntos recorrentes nas cartas, mesmo em decorrência dos momentos históricos compartilhados por eles eram referentes às ditaduras e democracias, educação brasileira, política, economia, petróleo, família, obras literárias de Lobato, estudos filosóficos de Anísio e etc., desenhando aspectos de um ideal comum entre Anísio e Lobato: a crença no progresso e no desenvolvimento do Brasil e de seu povo, por meio da educação e da cultura.

Para analisar a proximidade existente entre os dois intelectuais decidimos apresentar fragmentos de cartas trocadas entre eles, nas três fases indicadas anteriormente. Destacamos que a escolha de uma ou outra carta significa a renúncia de outras, que podem ser tão ou mais importantes do que as ora apresentadas, dependendo do contexto que se deseja enfocar. Afinal, as cartas expressam anseios e expectativas, mas também solidariedade e apoio político-intelectual, tornando-se canais importantes para divulgar e fortalecer as ideias e projetos dos interlocutores.

As Cartas: das Atuações Públicas aos Afetos da Vida Privada

Segundo Vianna; Fraiz (1986, p. 31) a primeira carta de Lobato a Anísio é datada de 22 de junho de 1928, quando após ler um dos livros do amigo, assim registra sua admiração: “Poucas vezes na vida tenho

encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. Se no Brasil houvesse ressonância para as ideias esse livro calaria fundo e marcaria época”. As despedidas eram sempre calorosas “Cria que tem em mim um furioso entusiasta da sua maravilhosa inteligência a serviço da arte de bem ver e compreender”.

Em 1929, após finalizar o Curso de Mestrado em Artes pela Universidade de Colúmbia, Anísio retorna ao Brasil convicto de sua opção pela educação e esperançoso em implantar, no ensino público nacional, um novo conceito de educação, ancorado nas bases da filosofia pragmática de John Dewey. Vianna e Fraiz (1986, p. 32-35) relata que, após 10 meses de convivência quase diária, em julho de 1929, Lobato escreve a Anísio e lamenta a saudade “[...] tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem saber o que fazer dos meus domingos”.

Outra carta de Lobato a Anísio, essa de 5 de setembro de 1929, ainda de acordo com Vianna; Fraiz (1986, p. 37-8), dá uma medida das discussões e demonstra o desalento com a política brasileira “E que ferveira de debate político não irá por ela [Bahia] e pelo resto do país! Tenho corrido os olhos nos debates do Congresso e saio desolado. Não vejo uma ideia, uma *issue*, quer dum lado quer doutro. Só pessoalismo e intrigalhas”.

Em outra missiva, de 10 de setembro de 1929, destaca-se a admiração compartilhada pela América, quando Lobato relata a Anísio “O Ugo Guimarães escreveu-me de Londres. Está notando lá a falta destes fluídos. Tudo velho, tudo amarrado no passado, [...] Isto de andar para a frente, de cabeça erguida, olhos postos dez milhas além creio que só na *noossa* América” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 40).

Em resposta a Lobato, datada de 24 de outubro de 1929, o tom prevalente é o da política. Após retornar de uma viagem a São Paulo, Anísio descreve sua visão de São Paulo: “Já lhe disse quanto gostei de São Paulo. Trabalho, espírito científico, negação para a retórica nacional” Em seguida, compara-o com Minas Gerais: “De lá fui para Minas. Essa está ainda dormindo. [...] Minas quer “salvar” o Brasil de um materialismo paulista! São Paulo quer tornar a vida rica, bela, agradável e boa. Para o mineiro tudo isso é bobagem, ou então é pecado” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 43-44). Nesta mesma carta, Anísio acena para o atraso da política baiana, com crítica ao então governador eleito Vital Soares (1928-1930) ao afirmar que “na Bahia, tudo vai patriarcalmente. O atual governo é uma vilegiatura do Estado. Tudo se adia. E a administração descansa por

entre as comodidades da burocracia”. E na sequência exalta o progresso americano: “enquanto isso a América está aí a celebrar com tanto carinho o cinquentenário dessa cousa imensa: ‘a lâmpada elétrica’. Mas depois dela já são 65 mil as novas aplicações da eletricidade”.

Na missiva de 8 de dezembro de 1929, Anísio retoma o assunto da viagem feita a São Paulo, já assinalado em carta anterior e indica os contatos com o educador Lourenço Filho, que mais tarde, nos anos de 1930, se tornaria, além de também signatário do Manifesto dos Pioneiros de 1932, companheiro na luta em defesa pelo ensino público. Eis o tom de Anísio,

Você me pergunta em sua carta ainda pela rapaziada de São Paulo. A minha impressão deles já lhe disse: são os homens reais do Brasil (nós, do Norte, somos os homens verbais). O que eles pensaram de mim? Não sei. Uma visita é sempre uma visita. Trouxe duas ou três simpatias que talvez cresçam até amizade, se as cultivar. Lourenço, uma delas. Estamos com o plano de publicar, até março, um volume sobre Dewey, na sua coleção de educação. Fiquei encarregado disto. Talvez este fato nos conserve a aproximação. As outras relações cairão todas... a não ser que vá para lá” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 45-46).

A carta resposta de Lobato a Anísio, datada de 12 de abril de 1930, faz críticas ao fato de Anísio, ministrar aulas na Escola Normal de Salvador:

Professor de filosofia da educação na Escola Normal... Que castigo! Pegar dum Anísio, pô-lo no ambiente da Columbia um ano e depois, professor de filosofia da educação na escola normalíssima da mulata velha...”. A ironia revela que Lobato considerava um “desperdício” um intelectual do porte de Anísio “apenas” ministrar aulas e não se dedicar a assuntos de maior densidade intelectual. A saudade do amigo é constantemente registrada “Anísio... Anísio... deixaste marca nesta casa. Continuas lembrado e citado (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 51-53).

Anísio compartilhava com Lobato a preocupação com o desenvolvimento do Brasil e acompanhava o amigo nas discussões sobre o ferro e o petróleo, conforme nos indica essa carta de agosto de 1931. Nesta, Anísio tece comentários sobre o livro de Lobato (1931).

Ferro: a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith e aponta “Que impressão me deixou? A da capa. A palavra ferro, e mais, a

coisa ferro, ficou-me a tinir no cérebro, enquanto por trás dela acordavam ao seu chamado viril as usinas, as fábricas, a mass-production, a prosperidade...” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 63).

Após conhecer a obra *Educação progressiva, uma introdução à filosofia da educação* escrita por Anísio Teixeira, 1932, Lobato destaca na correspondência, datada provavelmente de 1932, a importância de Anísio na implementação da proposta educacional contida no Manifesto de 1932. Lobato compartilhava com o amigo o deslumbramento com a filosofia de Dewey e o modelo americano de educação.

Você é o líder, Anísio! Você é que há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisa engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. [...] Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey e Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna. Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 68).

Sobre o primeiro ‘autoexílio’, que se traduziu em longos dez anos afastado do cenário educacional e isolado no sertão baiano, Anísio desabafou com o amigo, em outra carta, essa com data provável de 1936, onde relatou suas ocupações:

No fundo deste sertão, o silêncio e o deserto nos tornam humildes e pequenos, e se refere às suas ocupações “[...] meti-me em traduções. [...] estou tentando meio de vida menos ambicioso. Sou hoje, lenhador. Vendendo madeiras e dormentes à estrada de ferro” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 78-79).

As traduções tiveram um papel importante na constituição do filósofo e intelectual Anísio Teixeira. Talvez fossem as atividades que mais lhe davam prazer, uma vez que se encontrava afastado do ensino público e longe de seus pares. Esse entendimento é reforçado pelo teor da carta escrita a Lobato, em 7 de julho de 1937, onde registra o quão importantes são as leituras e traduções feitas no sertão.

Consolam-na os meus livros. Vivo entre Dewey, Russell, Wells e Lobato. E fazem-lhe bem esses homens de amanhã. Vivo com eles mergulhado no

futuro. [...] O The shape of things to come, de Wells, é um dos meus manuais, a continuação do Outline, com o mesmo método, a mesma exatidão penetrante, até o ano 2106. [...] Não é mais Utopia, é o real Outline of the future. [...] Enquanto não me chegam “The mansions of philosophy” estou a ler o Will Durant na sua “Historie de la civilisation”, já tradução francesa.

Por fim, chegamos ao último período das correspondências entre Anísio e Lobato. Segundo Vianna; Fraiz (1986, p. 7), são aquelas enviadas a partir de 1946, quando Anísio retorna, em grande estilo, ao cenário educacional, por meio do convite da Unesco, para ser conselheiro de educação do novo órgão recém-criado pela ONU em 1945, no contexto do pós-guerra. Lobato toma conhecimento do convite da Unesco e, em carta para Anísio, de 12 de agosto de 1946 afirma:

Aqui me chegou a notícia da Meridional sobre o convite de Julian Huxley para que vás funcionar como matéria cinzenta num dos lobos cerebrais do mundo — e exulte! [...] O fato de Anísio Teixeira ter ficado anos no Brasil parado, afastado da ação pública, forçado a empregar seu gênio numa função de comércio, coisa ao alcance de qualquer galego, foi o que mais me deu a medida do fracasso que somos como povo ou país. [...] Mas agora me sinto contente, ao ver que Anísio “foi chamado a servir” não à “pátria chica que não o quer, mas à humanidade”.

Conforme descrito por Viana Filho (2008, p. 113), em carta-resposta a Lobato, de 7 de setembro de 1946, Anísio ainda revela certa mágoa pelo afastamento compulsório em 1935, ao afirmar que “Depois de dez anos de enxotamento no Brasil, ver-me suspenso pelo Huxley e feito conselheiro de uma Universidade do mundo é francamente milagre de conto de carochinha”. Na transcrição de Viana Filho (2008, p. 114-5), Anísio registra ao amigo a surpresa do destino “No dia 12 de junho, de volta a Nova Iorque ao meu pequeno hotel na Rua 46, encontro uma carta de 4 páginas do Julian Huxley, escrita a mão, convidando-me para ser Conselheiro da Educação na UNESCO”. Ao finalizar, sinaliza as mudanças que poderiam advir do convite inesperado “[...] E assim me deparei com uma carta do Julian Huxley e um convite inacreditável do destino para dar uma volta de 180 graus em minha vida”.

De acordo com Viana Filho (2008, p. 115) a primeira carta de Lobato em 1947 é para Anísio. Nesta, de 1º de janeiro de 1947, Lobato congratula-se com a experiência do amigo na Unesco. As palavras são esclarecedoras e resumem os dez anos de afastamento de Anísio da edu-

cação nacional, considerando que esse afastamento teria servido para preparar Anísio para o retorno triunfante. “[...] dez anos passou você caminhando como minhoca por baixo da terra, escondido da Reação Triunfante, mas caminhando sem o saber. E bem consideradas as coisas, talvez tenha sido aquele golpe da Reação determinante dos dez anos de minhocamento, que te elevou à posição atual”.

A experiência de Anísio na Unesco foi importante, porém breve. Em 13 de fevereiro de 1947 ele escreve à Lobato explicando as questões pessoais que o fizeram decidir pelo retorno ao Brasil. Em uma das últimas cartas ao amigo, Anísio relata sua decisão e se desculpa, dizendo “Em New York pus os pés em terra. E senti que eles não tinham a leveza que supusera em pleno mar — cinco ‘paralelepípedos’ os amarravam ao chão. A mulher e os quatro filhos. E todas as decisões ruíram”. Anísio ainda relata a Lobato que telegrafou à Unesco informando a decisão e, em tom constrangido, se desculpa com Lobato: “Que hei de fazer para lhe agradecer e para que você me perdoe a decepção? Somente dizer-lhe que minha decepção também não é menor”. A despedida da carta, como sempre, foi calorosa: “Receba todo o coração do muito, muito seu Anísio”. É possível que essa seja uma das últimas cartas trocadas entre os amigos, pois Monteiro Lobato faleceu em 1948.

Após a experiência na Unesco Anísio retornou ao Brasil e assumiu, pela segunda vez, a gestão da educação pública da Bahia, no governo de Otávio Mangabeira, no período de 1947 de 1950. A partir dessa segunda experiência no ensino público baiano, Anísio inicia um ciclo importante de sua vida pública, sucedida por cargos de direção na Capes e no Inep, participação como membro do Conselho Federal de Educação e pelo desenvolvimento de programas e projetos educacionais, de alcance nacional.

Conclusão

Anísio Teixeira foi um intelectual que durante sua vida pública, que se estendeu de 1924 a 1964, transitou em uma ampla rede de sociabilidades, composta por familiares, amigos, intelectuais, políticos, educadores e etc. Essa rede de sociabilidade de Anísio foi importante para a legitimação de suas propostas, bem como para a sua manutenção política em cargos públicos por longo período de tempo. Basta dizer que Anísio esteve à frente da Capes por treze anos (de 1951 a 1964) e do Inep por 12 anos (de 1952 a 1964), sem necessidade de citar outros cargos públicos que ocupou ao longo de aproximadamente quatro décadas de dedicação à causa educacional, especialmente ao ensino público.

Anísio teve muitos interlocutores importantes: Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Hermes Lima, Lourenço Filho, Darcy Ribeiro, Carneiro Leão, Péricles Madureira de Pinho, Almir de Castro, Gilberto Freyre, Jorge Amado e tantos outros. Mas dentre todos eles Monteiro Lobato ocupava uma posição privilegiada. A diferença de vinte anos de idade entre eles não foi empecilho para que se tornassem, além de amigos, parceiros nos sonhos e em projetos políticos e educacionais para o Brasil. Na morte de Lobato em 1948, Anísio dedicou-lhe uma frase lapidar: “A arte não era o seu trabalho, mas o seu repouso” (VIANA FILHO, 2008, p. 37).

No diapasão das histórias cruzadas entendemos que Anísio, como educador, se revelou um grande escritor, pela importância de suas obras e sua filosofia da educação. E Lobato, como escritor, se tornou também um educador, pelo respeito às crianças e pela fecundidade de sua literatura infantil. Inferimos, por fim, que nas vidas cruzadas de Anísio e Lobato nada foi capaz de furta-lhes o fôlego, impedindo-os de sonhar pela educação e pelo Brasil.

Por fim, com o risco de incorrer em mais um do mesmo assunto, ou seja, a despeito de vários outros estudos realizados sobre Anísio e Lobato, desejamos que esse artigo seja útil de alguma forma para, além de reforçar a importância das redes de sociabilidades políticas e intelectuais, para criar, sobretudo, um movimento contrário aos processos de apagamento do pensamento filosófico de Anísio e da literatura crítica de Lobato, seja entre educadores, cursos de graduação e pós-graduação. Não buscamos constatações finais sobre as redes de sociabilidades estabelecidas entre Anísio e Lobato, uma vez serem complexas e permeadas de inúmeras outras redes. O que procuramos foi ampliar, de certa forma, as leituras e interpretações desses dois importantes intelectuais da história da educação e do Brasil no século XX.

CROSSED STORIES: THE ENCOUNTER OF ANÍSIO TEIXEIRA AND MONTEIRO LOBATO (1927-1948)

Abstract: *This article aims to portray the sociability established between Anísio Teixeira and Monteiro Lobato, which translated into solid friendship and intellectual complicity and lasted from 1927 to 1948. It also seeks to demonstrate the importance of Lobato in the intellectual formation and in the network of sociabilities of Anísio, which contributed to its long stay in the national public education scenario. The sources used are basically the*

biographies of Anísio and Lobato, part of the epistolary literature of both, works referring to the study of intellectuals and sociabilities, and, finally, authors of the national historiography that study the period on screen.

Keywords: *Anísio Teixeira. Monteiro Lobato. Intellectuals. Networks of Sociability.*

Notas

- 1 LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira*. Estadista da educação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: ed. USF, 2000; VIANA FILHO, Luiz. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. 3. ed. São Paulo: ed. UNESP; Salvador: ed. UFBA, 2008; VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.
- 2 KOSHIANA, Alice. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queirós, 1982; CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 1. ; VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.
- 3 NAGLE, Jorge *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: ed. USP, 2009; FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; MELO, João Manuel C. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009; WEFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- 4 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: ed. UnB, 1998. SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998; SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ; ed. FGV, 2003.
- 5 O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) abriga o arquivo pessoal de Anísio Teixeira.
- 6 Sobre a prisão de Monteiro Lobato em 1941, conferir LIMA, Carlos Araújo de. O processo do petróleo: Monteiro Lobato no banco dos réus. Edição do autor. Impresso nos Estabelecimentos Gráficos Borsoi S. A, R. J. 1977.

- 7 BUFFA, Ester. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979; CARVALHO, Marta C. Reformas da instrução pública. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 225–251; CUNHA, Nóbrega da. *A revolução e a educação*. Rio de Janeiro: gráficas do *Diário de Notícias*, 1932; CURY, Carlos R. J. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984; PAGNI, Pedro A. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: ed. Unijuí, 2000; XAVIER, Libânia N. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: ed. USF, 2002.
- 8 Em fins dos anos de 1920, Anísio realizou duas viagens aos Estados Unidos. A primeira em 1927, custeada pelo governo da Bahia, tinha como objetivo conhecer o sistema educacional americano e trazer inovações para a educação brasileira, especificamente a baiana. Em 1928, Anísio retorna à América para cursar o Mestrado em Artes (Master of Arts) na Faculdade Teacher's College, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Anísio permaneceu 10 meses nos Estados Unidos, e as biografias indicam que esse período estreitou as relações de amizade entre Anísio e Lobato, proporcionando convivência diária dos dois amigos.
- 9 Segundo Vianna e Fraiz (1986, p. 31) provavelmente o livro de Anísio a que Lobato se refere é o “Relatório sobre Instrução Pública no estado da Bahia”, de 1928.
- 10 Sobre o processo Smith conferir LOBATO, Monteiro. *Ferro: a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- 11 TEIXEIRA, Anísio. Carta a Monteiro Lobato. Bahia, 7 de julho de 1937.
- 12 LOBATO, Monteiro. Carta a Anísio Teixeira. Buenos Aires, 12 de agosto de 1946. Fundação Getúlio Vargas: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Localização do documento: FGV/CPDOC, arquivo Anísio Teixeira, ATc 28.06.22. Esta carta também se encontra na obra de VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.
- 13 LOBATO, Monteiro. Carta a Anísio Teixeira. Buenos Aires, 1º de janeiro de 1947. Localização do documento: FGV/CPDOC, arquivo Anísio Teixeira, ATc 1928.06.22. Esta carta também se encontra na obra de VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.

- 14 TEIXEIRA, Anísio. Carta a Monteiro Lobato. Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1947. Localização do documento FGV/CPDOC, Arquivo Anísio Teixeira, ATc 1928.06.22. Esta carta também se encontra na obra de VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.

Referências

- AZEVEDO, Fernando. Anísio Teixeira ou a inteligência. In: AZEVEDO, Fernando (org.). *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 60-92.
- BASTOS, Maria H. C.; CUNHA, Maria T. S.; MIGNOT, Ana C. V. (org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora UFP, 2002.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora UnB, 1998.
- BUFFA, Ester. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CARVALHO, Marta C. Reformas da instrução pública. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes. VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 225-251.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- CUNHA, Nóbrega da. *A revolução e a educação*. Rio de Janeiro: Gráficas do Diário de Notícias, 1932.
- CURY, Carlos R. J. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSHIANA, Alice. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queirós, 1982.
- LIMA, Carlos Araújo de. *O processo do petróleo: Monteiro Lobato no banco dos réus*. Edição do autor. Impresso nos Estabelecimentos Gráficos Borsoi S. A., RJ., 1977.

- LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LOBATO, Monteiro. *Ferro: a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- MELLO, João Manuel C. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- NAGLE, Jorge *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora USP, 2009.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: Editora USE, 2000.
- PAGNI, Pedro A. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ: Editora FGV, 2003.
- TEIXEIRA, Anísio S. *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- VIANA FILHO, Luiz. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. 3. ed. São Paulo: ed. UNESP; Salvador: Editora UFBA, 2008.
- VIANNA, A.; FRAIZ, P. (org.). *Conversas entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: CPDOC; Fundação Cultural da Bahia, 1986.
- XAVIER, Libânia N. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: ed. USE, 2002.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.